

Ao receber delegação incumbida de manifestar preocupação com restrições à liberdade de imprensa na Venezuela, presidente

Cara a cara com

MARCELO RECH

◆ Enviado Especial/Caracas

Para quem desceu à catacumba política há um mês, ao ser deposto e três dias depois reconduzido ao poder, o presidente Hugo Chávez Frías mantém uma retórica surpreendentemente inabalável.

Em uma hora e meia de conversa com Zero Hora na terça-feira passada, ao lado de editores do Canadá, da Espanha e da Dinamarca, Chávez não exibiu qualquer sinal de ter extraído alguma lição de seu inferno político.

– Sou o mesmo homem. Não mudei – avisa, para o bem ou para o mal da Venezuela, uma das maiores incógnitas da política mundial.

O enigma Hugo Chávez Frías está de pé, manuseando uma agenda com capa verde sobre sua mesa de reuniões no Palácio de Miraflores, quando entra no gabinete a delegação de quatro editores da Associação Mundial de Jornais (WAN).

Usualmente, Chávez não receberia uma entidade estrangeira incumbida de manifestar preocupação com restrições à liberdade de expressão em seu país, mas neste início de tarde da terça-feira passada abre uma exceção, graças à intervenção de um contato venezuelano do diretor do jornal El Mundo, de Madrid, Pedro J. Ramírez.

Sorriso largo, aperto de mão de pára-quedista, Chávez olha fundo nos olhos cada um dos estrangeiros e pergunta de onde vêm.

– De Porto Alegre, Brasil – responde.

– É uma cidade industrial. Já fui convidado muitas vezes para ir lá – retruca, para aparentar familiaridade.

A missão da comitiva encabeçada pelo presidente da WAN, o canadense Roger Parkinson, é discutir uma carta com oito pontos de defesa da liberdade de expressão na Venezuela.

Chávez convida os quatro a se sentar – ele se acomoda ao lado de uma bandeira venezuelana em seu gabinete de decoração colonial, com sete metros de pé-direito, quatro lustres gigantes, colunas verde-claro e pinturas de Simon Bolívar nas paredes.

Jaqueta, camiseta e jeans azul-marinhos, o presidente deposita na mesinha seu celular e confia que estava fazendo jogging.

– Tenho de correr ao meio-dia, por-

que durmo tarde. Hoje, me deitei às 4 da manhã.

Gentil, pede desculpas pelo atraso de uma hora na audiência, causado pela espera por um intérprete – além de Parkinson, não fala espanhol o dinamarquês Mogens Schmidt, diretor do Fórum Mundial de Editores.

Como o intérprete não aparece mesmo, os representantes de ZH e El Mundo assumem o improviso da tradução. Além da desorganização da falta de intérprete, a audiência chama a atenção por outro fato: Chávez está sozinho, nenhum assessor por perto.

A presença de Chávez se basta para Chávez. Sua autoconfiança explode no primeiro minuto.

– Vou fazer uma pergunta franca – avisa ele, que não pergunta nada, mas joga sobre a comitiva uma frase destinada a tentar desconcertar de saída os interlocutores.

– Vocês não são objetivos, porque há uma tendência à solidariedade entre os meios de comunicação – afirma Chávez, contrariado pelo que considera intromissão da entidade em assuntos venezuelanos.

Ele não está interessado no contraponto. Quer desabafar sobre sua permanente rusga com os veículos da Venezuela.

– Com exceção de alguns poucos, aqui na Venezuela os meios de comunicação atropelam o país – afirma, na primeira de um sem-número de vezes em que mistura governo e pátria, Chávez e Venezuela.

Oposição atribui ao presidente uma invejável habilidade teatral

Para não deixar dúvidas, o presidente arremata o pensamento muitos decibéis acima do início da argumentação.

– Minha verdade é a verdade do povo – proclama, aparentemente convencido de sua personalíssima constatação.

A oposição atribui a Chávez uma invejável habilidade teatral. Nos gestos estudados, no tom de voz, na tentativa de dominar a audiência, o presidente de fato parece estar atuando em seu palcogabinete. Que seja, mas, neste caso, ele mereceria mesmo todos os aplausos, pois executa o papel à perfeição.

Chávez se mostra angustiado para

transmitir sua versão sobre uma das máculas de seu mandato – o cerco de chavistas ao diário El Nacional em 7 de janeiro passado, uma notícia que correu o mundo. Quando começa a narrar o episódio, entremeando-o com imprecisões contra a imprensa de Caracas, Chávez deixa evidente que é um homem obcecado por sua imagem e guiado pela aversão à maior parte da mídia, “um dos grandes temas que precisam ser discutidos na Venezuela”.

Humor de Chávez oscila da euforia à fúria em questão de segundos

O presidente não se conforma que, em uma notícia sobre sua visita a uma favela, o El Nacional tenha escrito que fora mal recebido e publicado uma foto em que aparecia rodeado por um punhado de pessoas.

– É mentira. Eu estava cercado por centenas de populares e fui aclamado. Como o jornal não quis se retificar, os manifestantes foram exigir direito à réplica – diz ele, tentando justificar o sítio ao jornal.

Chávez se transtorna e volta ao normal constantemente. Seu humor oscila da euforia à fúria em questão de segundos. Nessa montanha-russa emocional, o presidente anima-se ao dissertar sobre suas suspeitas de envolvimento de jornais e TVs com o golpe, entusiasma-se com sua interpretação do momento – “outros países já estariam em guerra civil” – e dramatiza, quase aos brados, seu papel histórico:

– Vocês têm de levar em conta que este servidor tem uma relação passional intensa com esse povo. Sou capaz de morrer por ele. Quando fui derrubado, 6 milhões de pessoas saíram às ruas com a Constituição na mão, gritando e cantando “Chávez, Chávez!”. Isso é não é loucura, é amor! – vibra o presidente em sua descarga de adrenalina.

Subitamente, em absoluta calma, ele se volta para mim e pergunta:

– Queres um café? Não? Um suco, então?

E assim, entre altos e baixos, vai fluindo a conversa com o enigma. Quando se sente pressionado a adotar medidas de proteção física aos jornalistas e a moderar sua retórica que estimula os ataques, Chávez sai do sério

